



## Falar♦

Marcus André Vieira

Falar é um gesto? Do ponto de vista mecânico, falar é comprimir o diafragma para fazer o ar passar pelas cordas vocais, propagando ondas sonoras no ambiente. Para nós, é, ao mesmo tempo, fazer com que todo o mundo de coisas desconexas que nos habita ganhe encadeamento e sequência dentro de padrões culturais pré-definidos.

Nos termos de Lacan, das “trevas das significações inacabadas” em nós, virão pedaços de experiências que buscarão seus caminhos pelos “desfiladeiros” do “cristal da língua” e encontrarão seu lugar e tradução na “cadeia significante”.

O efeito desse encadeamento articulado não é apenas de comunicação, mas de constituição subjetiva, agindo como o esqueleto cultural dessa colagem precária que somos, o laço que nos une e sustenta.

A fala, neste plano, do discurso no sentido que lhe dá Lacan, o da estruturação de uma relação, contrato social, pressupõe um sem-número de regras implícitas.

A fala em análise, parece propor tudo menos um contrato.

Os participantes do jogo analítico não precisam entrar em consenso acerca de muita coisa, não há nenhum objetivo comum ou ideal a ser alcançado. Nenhuma meta será definida de antemão. É preciso apenas que o candidato à análise pague o preço que defina um engajamento decidido, o que inclui regularidade e vizinhança dos encontros.

Só há uma regra: é preciso consentir, por parte do analisante, com sair falando durante algum tempo, a fundo perdido (Freud, 1976, p. 165). Falar de quê? De tudo e nada. “Diga o que lhe passar pela cabeça”. Com esse convite o analista define seu método, que Freud chamou de *associação livre*.

A fim de delimitar o essencial do método, Freud oferece a seu paciente esta cena: “Lide com seus pensamentos e comigo, como se descrevesse a um cego o que se vê pela janela de um trem em movimento” (Freud, 1976, p. 177).

Então, *livre* não é o principal, mas sim *associação cega*.

Cego, aqui, é quem não escolhe, que se dispõe a esvaziar ao máximo o poder da consciência, do eu no comando.

Não é fácil, não parece natural, ainda mais em tempos, como o nosso, de paixão pelo si mesmo, mas quando conseguimos nos deixar levar pelo que se apresenta, experimentamos o prazer da errância.

A contrapartida do analista à associação livre é a atenção uniformemente distribuída, que ficou conhecida como *atenção flutuante*. Ela não flutua, não é superficial, apenas aceita tudo, não escolhe. Assim como o analisante, vagueia.

A metáfora freudiana do trem põe em relevo como é preciso enfraquecer a diretoria do ego. Seu maior efeito, porém, é o de perdermos a direção. Ao falarmos às cegas perdemos a bússola, perambulamos sem norte na cidade da memória interior.

---

♦ Material preparatório para os encontros do curso Fazer Análise, do ICP-RJ.

Quanto mais perambulamos, porém, mais verificamos que tendemos sempre a voltar aos mesmos caminhos, praças e ruas. Para Lacan, *associação livre* é uma expressão quase irônica, pois basta exercê-la para que se revele, em seu lugar, quanto é difícil realmente vaguear, o quanto somos determinados por temas e diretrizes incontornáveis que parecem definir-se na raiz da existência. O trajeto de uma análise não é uma verdadeira perambulação errante, pois os principais circuitos já estão traçados.

Mas se não há liberdade, então que método é esse? De que serve tatear as grades da prisão? Triste conscientização? Resignação estoica?

Freud nos dá uma pista, pois utiliza pouco *frei Assoziation*. Seu termo costumeiro para caracterizar a associação é *Einfall*, tropeço com uma ideia, algo que “cai dentro”. A proposta talvez seja não exatamente libertar a fala, mas sim obter uma novidade no dizer. Com o convite a que se diga o que vem à mente, fazendo de conta isso é possível, provoca-se, na verdade, o dizer outra coisa.

Lacan vai nesse sentido ao propor que se entenda a associação livre como um método para *falar bobagem*. Ora, bobagem tem ao menos dois sentidos, o de falar “nada com nada”, como também dizer coisas anômalas, estranhas. O bizarro na fala, costuma ser cheio de vida, uma vida fora do cotidiano, carga de libido que traz “o leite que a vaca não prometeu”, como diz G. Rosa. São elas que, surpreendendo, subvertem.

Para destacar com a maior clareza possível como isso acontece e como podemos, nós, analistas, favorecer este tipo de operação, Lacan formalizou os circuitos de fala por onde circula essa libido fora de cena.

Esquemmatizou um mapa geral das cidades subjetivas mais típicas de seu tempo, nosso ainda em muitos aspectos. Estabeleceu a rosa dos ventos da cidade do recalque, presidida pelo que Freud chamou de castração e Complexo de Édipo. Chamou-a de “Os quatro discursos”.

São quatro modos básicos de falar, quatro modos de articular gozo e verdade, saber e certeza, regras e jogos que estipulam de um só golpe como os corpos se definem e como se afinam entre si, como podem ser colocados em relação.

O mais importante desses modos de relação é o que corresponde ao que acontece em nossa prática, a subversão. Lacan chamou-o *discurso do analista*. Os gestos de fala desse discurso são os que nos interessam, mas, como nos contos de fadas, será preciso contar três para chegar lá.

O ponto de partida é o *discurso do senhor*, do mando, que ficou conhecido em tradução bem traidora, como discurso do mestre. É quando a ordem é precisa e sem discussão, só há que se obedecer. É também quando falamos para dizer direito, justo, a coisa. Todo aquele que fala a partir de sua sabedoria é um mestre, dos gurus aos psicólogos do *instagram*. Não é tanto que saibam tudo, mas que falam do lugar da verdade. Que ganha o senhor? Qual seu gozo? Não se vê de saída. O excedente libidinal, aqui, fica fora de cena. Mas sabemos o quanto de seu desejo de destruição ou ainda de cobiça e abuso pode estar escondido sob seus mandos e desmandos.

Há uma variante desse modo de fala e vida. É quando falamos não para dizer, mas para recensear tudo o que todos os senhores disseram sobre o assunto. Desse modo, acaba-se dizendo o que se queria, mandando como se queria, mas sem assumir o que se disse. É falar não para dizer, mas para fazer o Outro dizer. O outro da comunidade, da história, da literatura e da filosofia. Esse é o discurso do professor, quem tem o conhecimento, mas não a verdade. Sua libido? Como a do obsessivo, se esconde. Ele quer mandar, e manda, mas goza de fazer como se não.

A chapa esquenta com a variante em que a libido passa para o primeiro plano. Nos dois casos anteriores ela está embaixo da mesa, sob a barra na esquematização lacaniana. Neste discurso, falamos como sujeitos divididos, para mostrar nossas dúvidas e dificuldades, exibir nossa fragilidade para aquele, o mestre, que poderia nos salvar. O laço que ele desenvolve é um pouco ao modo do “toma que o filho é teu”. É o discurso do desejo, dito por Lacan *discurso da histérica*. O gozo é de oferecer-se como o que completa a divisão do Outro, previamente fragilizado com nossa própria fragilidade.

Finalmente, chegamos ao *discurso do analista*. Nela, a novidade do dizer será um filho sem pai, que Lacan chama objeto *a*. É o resto, o imundo, “deslustrado, atirado aos cães”. Em vez, porém, de pregar a inclusão do excluído, ou de estetizar o lixo, a análise vai soletrando o tanto de vida que não coube. Faz o lixo, como propunha Lelia Gonzalez, até que essa fala se depure alguns nomes que passam a condensar a singularidade como nenhum outro. O objeto *a*, agente desse discurso, é transmutado em um saber, ou melhor em um nome, S1 na álgebra lacaniana.

Vejam o verso de Ricardo Aleixo (em que *Exu afelinado* é o S1 que me toma):

**Cine-olho**

Um menino  
Não.  
Era mais um  
um menino  
Não.  
Era mais  
um felino,  
um  
Exu afelinado  
chispando  
entre os carros  
Um ponto  
riscado a laser  
na noite  
de rua cheia  
para  
os  
lados  
do  
Mercado.

Para concluir: Há outros modos de fazer laço além desses do recalque?

Claro! Basta rephrasear: há outros modos de estar junto ou de estabilizar um coletivo sem ser pela castração e perda? Pelo resto excluído? Não é óbvio que sim?

A lógica da cidade do recalque não exclui outras, resta-nos não descansar enquanto os que as vivem possam também enunciar seus modos de ser na grande conversação da cultura em vez de serem atirados aos cães.

### **Referências bibliográficas**

FREUD, Sigmund. “Sobre o início do tratamento” [1913]. Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 163-190

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10 (A angústia), 1962-1963. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Vieira, M. A. O analista e as cidades. In. Coleção ensaios brasileiros contemporâneos: psicanálise. Rio de Janeiro, FUNARTE, 2017.